

O ENTRE ARTE E FILOSOFIA: UM PENSAR SOBRE ESTILO DE EXISTENCIA E VIDA DE ARTISTA

Oriana Duarte – UFPE

RESUMO: Realizar uma vida como obra de arte é a ideia condutora dessas investigações. Ideia exposta por Michel Foucault no conceito filosófico de “estética da existência”, a vida como obra, é por ele sugerida enquanto meio de problematizar a nossa atualidade e formular um pensamento crítico acerca de nós mesmos e do modo como estamos conduzindo as nossas vidas. Objetivando tanto esmiuçar do conceito, quanto o lançar-se à experiência crítica do vivido, o artigo é composto de blocos de proposições alternados entre a experiência da arte e o estudo das formas de vida e de estilos de existência empreendidos por Foucault e mais recente, por uma teoria e crítica da arte que sugere um olhar sobre as formas de vida como outra via de entendimento da arte a partir do modernismo.

Palavras-chave: processo, arte, escrita

ABSTRACT: *Perform a life as a work of art is the idea guiding these investigations. Idea expounded by Michel Foucault in the philosophical concept of "aesthetics of existence", life as work, for it is suggested as a means to discuss our present and formulate critical thinking about ourselves and how we are conducting our lives. Aiming to scrutinize both the concept and the launch is critical to the lived experience, the article is composed of alternating blocks of propositions between the experience of art and the study of life forms and styles of existence undertaken by Foucault and later, by theory and criticism of art that suggests a look into the life forms as another way of understanding art from modernism.*

Key words: *process, art, writing*

Por uma vida como obra

Os estudos das formas de vida e de estilos de existência, empreendidos por Foucault na antiguidade grega e greco-romana, são apresentados no segundo e terceiro volume da sua História da Sexualidade, ambos livros publicados em 1984, e de modo geral, perpassa boa parte dos escritos realizados no que se convencionou chamar de terceira fase de Foucault, ou melhor situando, a fase de seus estudos sobre verdade e subjetivação. Este é o momento em que na sua filosofia emerge o conceito de “estética da existência”, cuja pergunta seminal advém de uma constatação assim dita por Foucault: “O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou a vida (...). Mas a vida de todo indivíduo não poderia

ser uma obra de arte? Por que uma mesa ou uma casa são objetos de arte, mas nossas vidas não? (Foucault apud Dreyfus, 2010, p.306).”

Tal conceito interessa à Foucault, sobretudo, pelo questionar ético nele envolvido. Daí que a sua leitura sobre os modos de vida propostos nas diversas escolas filosóficas da Antiguidade (séculos IV a.C e I-II d.C), ser feito campo de combate as cristalizações conceituais que, por séculos, cindem o sujeito. Para o campo das artes, nesse contexto, cabe privilegiar o momento no qual as artes plásticas do século XX, sobretudo através do *modo de vida de artista*, é mencionada como via profícua das investigações que constituem sua ontologia do presente.

Em aula proferida no *Collège de France* em 29 de fevereiro de 1984, no curso “A coragem da verdade”, ele explora o conceito numa leitura singular do modo de vida dos filósofos cínicos – *a vida no estado nú, a vida violenta, a vida que escandalosamente manifesta a verdade*. Para Foucault, tal aproximação entre verdade e vida, fundamento de uma estetização da existência, só é possível de encontrar lugar na nossa realidade através do antiplatonismo insurgente na arte desde o século XIX: “*E se não é simplesmente na arte, é na arte principalmente que se concentram, no mundo moderno, em nosso mundo, as formas mais intensas de um dizer-a-verdade que tem a coragem de assumir o risco de ferir (Foucault:2011).*”

Artista: Praticar ou tornar prática a existência?

De certo, que este exercitar da verdade (que Foucault explora através de jogos de relações entre verdade-saber, verdade-poder e verdade-sujeito) através da lente de uma estética da existência, tem sido, ainda que de modo um tanto discreto, proposto em searas de um pensar crítico sobre a produção artística na nossa atualidade. Exemplo deste exercício se tem na obra publicada na França em 2003 por Nicolas Bourriaud e aqui no Brasil em 2011, cujo título “Formas de Vida: a arte moderna e a invenção de si” explicitamente anuncia Foucault como um agenciador, ou melhor, estopim das suas reflexões. Conhecido, sobretudo, por sua obra/proposição “Estética Relacional”, publicado na França em 1998 e no Brasil em 2009, Bourriaud em “Formas de vida”, amplia de certo modo seu campo de debate ao focar a

imbricação das produções artísticas e as vidas de seus produtores. Neste livro, que é mesmo uma reedição de um estudo publicado em 1999, ele analisa investidas da arte moderna em suas relações com a vida cotidiana, bem como com a produção industrial.

A diferença de outras leituras cujo foco vem a ser a constituição do sujeito da modernidade é que neste, os efeitos dos processos de modernização, são evidenciados por uma intrínseca relação entre obra e atitude artística. Na arte do século XX, as vanguardas artísticas realçam o estreitar dessa relação ao desobrigar-se de significar e extrapolar os limites da representação. Afirmações como “Tudo que um artista cospe é arte”, dita por Kurt Schwitters ou “As ruas são nossos pincéis, as praças nossas paletas”, declarada por Maiakóvski, expressam a euforia que nos anos 20, segundo Bourriaud, *faz a vanguarda russa viver aceleradamente a utopia modernista até suas mais cruéis contradições*. Este feito ocorre quando Osip Brik leva 25 membros do Instituto de Cultura Artística de Moscou “a votarem por um decreto ordenando a total cessação de qualquer criação e formas puras em benefício da produção de objetos utilitários (Bourriaud:2011;74).”

Esta ampliação da esfera produtiva, imagem mesma que a reflexão proposta por Foucault põe em xeque, quando abraçada pelas vanguardas modernistas do início do século XX, bem podem se passar por exercícios introdutórios, senão ingênuos, da contaminação, por dupla via, dos intentos utilitários (para não dizer funcionalistas) no fazer artístico da nossa contemporaneidade. Utilidade essa, também não raro, expressa por ações que simulam uma crítica a lógica econômica que conduz a hipercultura, enquanto, na verdade, legitimam os valores que a sustentam, tais como o efeito inebriante da concorrida propriedade de um objeto através do qual é dado a ver um exclusivo simular de “sentido” da existência.

Se nunca joguei dados...

Sob o pseudônimo Maurice Florence, Michel Foucault escreve em seu verbete do *Dictionnaire des philosophes*, ser possível nomear sua obra de “História crítica do pensamento”, de modo a entendê-la como uma história da emergência dos “jogos de verdade”. Tais “jogos” tratam-se das regras *segundo as quais, a respeito de certas*

coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso(2006, p.235).

Em diversas situações que emprega a expressão “jogos de verdade”, está envolvida uma abordagem metodológica acerca da sua obra (2003, p.11; 2006, p.289). Por reconhecer erros possíveis oriundos da palavra “jogo”, ele ressalta não usá-la no sentido de representar ou imitar, mas sim, como um “conjunto de procedimentos que conduzem à um certo resultado, que pode ser considerado, em função dos seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não, ganho ou perda (2006, p.282).”

Para Foucault, existe sempre a possibilidade de em determinado jogo de verdade, se descobrir alguma coisa diferente, capaz de mudar as regras ou mesmo todo o conjunto do jogo. Mas, ele se pergunta: “Quem diz a verdade?” E de imediato lança a resposta: “Indivíduos que são livres, que organizam um certo consenso e se encontram inseridos em uma certa rede de práticas de poder (2006, p.283).” Com isso, não se trata de reduzir tudo a jogos de poder, sobretudo por ele afirmar que seu problema é saber como os jogos de verdade podem se situar e estar ligados as relações de poder.

Nesse contexto, a comunicação é abordada por Foucault (2006, p.284), não pela utopia de um estado de transparência tamanha, que fosse possível sua circulação sem obstáculos. O problema da comunicação, como posto por ele, é dela se impor regras de direito, técnicas de gestão pelas quais é possível, nesses jogos de poder, jogar com o mínimo de dominação. Disto se entende que a comunicação seja elemento de suma importância na emergência de uma nova ética, pela qual, o poder não é tomado como o mal, mas sim como “jogos estratégicos” entre liberdades, o que significa “jogos que fazem com que uns tentem determinar a conduta dos outros, ao que os outros tentam responder não deixando sua conduta ser determinada ou determinando em troca a conduta dos outros (2006, p.285).”

Através dessa noção de jogos estratégicos, Foucault diferencia “poder” de “estado de dominação”, e com isso abre a fenda da reflexão crítica pela qual a ética, que

permite instituir a liberdade individual, se constitui no desafio de uma questão: *o que se pode jogar, e como inventar um jogo?*

Algumas perguntas sobre escolhas, sobre modos de existência.

Qual jogo Duchamp nos convida a jogar, ainda? O seu tabuleiro de xadrez, de longas e estratégicas partidas permanece na sala de estar ou agora, vamos ao quintal, sob a sombra espalhada de uma cajueiro, jogar GO? Ou como pirilampus em torno de uma lâmpada ficaremos entre a sala e o quintal?

Por uma vida bela

A “estilística da existência”, como pensada por Foucault, pode ser apreendida enquanto uma prática de vida como obra de arte. Através dessa prática, diz ele, é possível *constituir a si mesmo como o artesão da beleza de sua própria vida* (2006, p. 244). Um empenho feito tanto para si mesmo, quanto para os olhos dos outros e para servir de exemplo às gerações futuras.

Exercida na Antiguidade grega e greco-romana como uma *tékhnetoûbíou* (arte de viver), a *vida como obra de arte*, é reconhecida por Foucault, como o centro da experiência moral grega. Contudo, o que aguça o seu interesse nessa *tékhne*, é a partir dela ser possível entender por moral, a busca de uma ética pessoal, e não somente a obediência a um sistema de regras.

Pela *tékhnetoûbíou*, adquire-se o domínio de si, e com isso, a capacidade de conduzir a si mesmo, ou seja, não mais ser apenas conduzido. Portanto, se trata de uma experiência de sujeição que não implica no assujeitamento às técnicas e disciplinas normativas, mas sim, a aplicação de maneiras mais autônomas, através de práticas de liberdade (2006, pag.291).

Por ser operada através de práticas de auto formação do sujeito, pela arte de viver, se realiza um exercício sobre si mesmo, e disto se elabora, se transforma e atinge *um certo modo de ser* (2006, pag.265). Este modo de ser, denominado de *êthos*, e que se trata da liberdade enformada no sujeito, é o que os gregos entendiam por ética. Nesse sentido, Foucault explica:

“O *êthos* de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos. Esta é para eles a forma concreta da liberdade; assim eles problematizavam sua liberdade. O homem que tem um belo *êthos*, que pode ser admirado e citado como exemplo, é alguém que pratica a liberdade de uma certa maneira (2006, p.270).”

São essas práticas, capazes de realizar um belo *êthos*, que delineiam, em grande parte, o campo de investigação sobre a “estilística da existência”. Em seu conjunto, são nomeadas de *práticas de si* (ou técnicas de si). Trata-se, segundo Foucault (2006, pag.276), de técnicas, exercícios que não são invenções individuais, mas sim esquemas encontrados em uma cultura e que são propostos aos indivíduos, seja pela sociedade ou seu grupo social.

Foucault define a modernidade enquanto *êthos* (2005, p.342). Diferente de ser entendida como um período (distinto por *moderno*, *pós-moderno* e *pré-moderno*), se trata de uma atitude, como uma escolha voluntária de uma maneira de pensar e de sentir, de agir e conduzir-se, como marca de pertencimento e como tarefa. O ser moderno é assim uma questão de *êthos*, de estilo, de atitude, que constitui uma estética da existência.

Esta ideia lhe vem de um texto do final do século XVIII, um opúsculo de Kant, “O que são as luzes?”, sobre o qual afirma surgir uma nova questão filosófica: o inquirir sobre a atualidade. Em lugar de interrogar tradicional da filosofia a respeito da verdade, do conhecimento, etc., dado por perguntas, tais como, “o que é o mundo? o que é o homem? o que foi feito da verdade? de que modo o saber é possível?”, a pergunta feita a partir de então é “o que somos hoje?” (2006, p.301).

Foucault se remete ao século XIX pela figura de Baudelaire, para caracterizar a atitude de modernidade, e afirma que ele opera uma “heroificação irônica do presente” no seu ensaio “O pintor da vida moderna”. Baudelaire assim faz logo ao início do ensaio, ao opor o *flâneur* ao homem da modernidade:

“Assim ele vai, corre, procura. Que procura ele? Com toda certeza, esse homem, tal como esbocei, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do *grande deserto de homens*, tem um alvo mais elevado que o de um

simples *flâneur*, um alvo mais geral que não o do prazer fugaz da circunstância. Procura alguma coisa que nos será permitido chamar de modernidade, pois não se apresenta palavra melhor para exprimir a ideia em questão. Trata-se, para ele, de liberar, no histórico da moda, o que ela pode conter de poético, de extrair o eterno do transitório (Baudelaire, 2010, p.35).”

Este ensaio de 1863 é sobre Constantin Guys (Sr.G), *pintor moderno por excelência, que na hora em que o mundo inteiro vai dormir, se põe ao trabalho, e o transfigura* (2005, p.343). É neste ensaio que Baudelaire apresenta sua seminal definição: “A modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável.” Para Foucault, a modernidade baudelairiana é tanto um jogo da liberdade com *o real que respeita e viola*, quanto um modo de relação que é preciso estabelecer consigo mesmo. Assim, a atitude de modernidade é ligada a um ascetismo indispensável, que exige uma elaboração complexa e dura:

“O homem moderno, para Baudelaire, não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida; ele é aquele que busca inventar-se a si mesmo. Essa modernidade não liberta o homem em seu ser próprio; ela lhe impõe a tarefa de elaborar a si mesmo (2005, p.344).”

Essa elaboração Baudelaire se chama “dandismo”, e ainda que Foucault se esquive do que está implicado nesta atitude, ao declarar: “não lembrarei as páginas muito conhecidas: aquelas sobre a natureza ‘grosseira, terrestre, imunda’; aquela sobre a indispensável revolta do homem em relação a ele mesmo (...); as páginas, enfim, sobre o ascetismo do dândi que faz de seu corpo, de seu comportamento, de seus sentimentos e paixões, de sua existência, uma obra de arte (2005, p.344)”; dificilmente, pelas próprias palavras de Foucault, não se evoca os escritos de Baudelaire, sobretudo esses ambigualmente ora tangenciados, acerca do que está em jogo no exercício de si, tal como essas compostas no poema “Ao leitor” (Baudelaire, 1985, p.101):

“Se o veneno, a paixão, o estupro, a punhalada
Não bordaram ainda com desenhos finos
A trama vã de nossos míseros destinos,
É que nossa alma arriscou pouco ou quase nada”

Mas se Foucault não se atém ao dandismo, é porque há uma outra questão que lhe interessa da atitude de modernidade como proposta por Baudelaire. Trata-se de que esta, entendida pelo conjunto das atitudes de heroificação do presente, jogo da liberdade com o real para sua transfiguração e elaboração ascética de si, não ocorre na própria sociedade ou no corpo político, “eles só podem ocorrer em um *lugar outro* que Baudelaire chama de arte (2005, p.344).”

As análises sobre a subjetividade revolucionária podem ser ampliadas pelas proposições do curso *A coragem da verdade*. Neste, ele afirma que a revolução no mundo europeu moderno não foi simplesmente um projeto político, foi também uma forma de vida, que sugere (“porcomodismo”) ser chamada de militantismo (2011, p.161). Assim, a vida militante, incluindo a praticada no século XX, é tomada como um modo de vida verdadeira, no sentido cínico de uma vida como manifestação irruptiva, violenta, escandalosa, da verdade.

É por esse enfoque singular das relações entre Antiguidade e modernidade, que a aula do dia 29 de fevereiro de 1984, é particularmente especial para artistas. Em certo momento, Foucault aborda a vida como obra enquanto verdadeira vida, dada pela prática do *dizer a verdade – parresia* -, e pela via da arte moderna e contemporânea. No que aparenta mais uma das suas inspiradas digressões (inclusive pela curta frase dita em meio as suas proposições - *sei lá, tudo isso, repito, precisava ser estudado*), a idéia da vida de artista como condição da obra de arte, irrompe na retomada do princípio filosófico cínico “da vida como manifestação de ruptura escandalosa, pela qual a verdade vem à tona, se manifesta e toma corpo (2011, p.164)”. Ao final da aula, como em reconhecimento a dimensão da sua abordagem e os limites (temporais?) da sua exposição, Foucault tem o zelo de dizer para quem se interessar pelo assunto, que adentre por essa via.

REFERENCIAS:

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2; o uso dos prazeres*. 10 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2003.

_____. *Ética, Sexualidade, Política*. Tradução: Elisa Monteiro, Ines Autran Dourado Barbosa; [organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta] - 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, **2006**– (Ditos e Escritos; V).

_____. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. Tradução: Elisa Monteiro; [organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta]- 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitaria, **2005**. – (Ditos e Escritos; II).

_____. *A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: Curso no Collège de France (1983-1984)*. Tradução Eduardo Brandão. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011– (Obras de Michel Foucault)

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BOURRIAUD, NICOLAS. *Formas de Vida: a arte moderna e a invenção de si*. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2011. – (coleção todas as Artes)

DREYFUS, Hubert L. *Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica* / Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow; tradução: Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. 2.ed., ver. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

Oriana Duarte.

Artista plástica, Bacharel em Design (UFPE, 1990), Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, (2000), onde cursa doutorado. Professora do Departamento de Design da UFPE. Em 2014 publicou a série de livretos “Nós errantes: escritos de existência + falas de artista”, por ocasião do *Premio bolsa de incentivo a produção em artes visuais Minc-Funarte 2013*”.